



Mata, Lília (texto), Caldeira, Sofia (ilustrações), Magalhães, Zé Tó (músicas) (2011). *A Nuvem que Queria Chover Onde Era Preciso*. Coleção 25 anos uma história. [Funchal]: Associação de Amigos do GCEA.

O projeto editorial *A Nuvem que Queria Chover Onde Era Preciso* foi concebido como um artefacto literário e artístico com a valência de *kit* pedagógico. Fruto de um trabalho de equipa, que articulou várias competências cognitivas e performativas, o volume oferece tanto ao jovem leitor como ao educador (profissional ou amador) um conjunto de atividades diversificadas. Desde a leitura de textos e imagens, ao visionamento de um vídeo animado (em DVD), às várias possibilidades de interpretar a história da Nuvem antropomorfizada, à consulta de saberes populares (provérbios sobre previsão de tempo) ou da terminologia técnico-científica (diferentes tipos de nuvem), passando por exercícios lúdicos (sopa de letras, jogo das diferenças, adivinhas), a que não falta até concursos com prémios sobre o tema das nuvens, o usufruidor desta publicação encontrará múltiplas propostas de atividades recreativas e formadoras.

O volume pode dividir-se em quatro partes: o conto e as ilustrações (Lília Mata e Sofia Caldeira, respetivamente); a adaptação do conto para teatro infantil com três canções (Equipa de animação e Zé Tó Magalhães); o conjunto de passatempos; e, finalmente, o vídeo animado (Equipa de animação).

“A Nuvem que Queria Chover Onde Era Preciso” narra a história de uma amizade improvável entre Clara, a nuvem que quer ser útil, e João, um menino inteligente e bondoso que se vê, por ser como é, ostracizado pelos outros. Se, por um lado, o enredo, simples e linear, estabelece um jogo cativante entre o mundo imaginário e o mundo real, por outro, a narração vive da qualidade de escrita, tão acessível quanto poética, perfeitamente adequada ao público visado, mas que pode muito bem agradar às demais faixas etárias. Ao propor personagens tocantes com as quais o público tenderá a identificar-se, a voz do texto encontrou mediadores convincentes para transmitir as seguintes mensagens: consciencializar-se dos problemas do planeta e da motivação interesseira das organizações humanas; importar-se com o próximo e com o mundo envolvente; dar um sentido positivo à existência, procurando atuar em prol de melhores condições

de vida; querer saber sempre mais do que aquilo que nos ensinam; não ser indiferente à infelicidade de quem sofre; contrariar as injustiças e aceitar a diferença, sustentando, assim, uma identidade múltipla e complementar.

Quem acompanha a literatura de ficção de Lília Mata (*Histórias do Bertoldinho*<sup>1</sup>, 1998, e *Contos de Embarcar*<sup>2</sup>, 2002), sabe que a autora se inspira particularmente no universo da sua infância e juventude. A própria reconhece que “gosta de contar histórias e de reconstruir experiências da infância” (*e depois? sobre cultura na Madeira*<sup>3</sup>, 2005: 105). Não admira, pois, que tal pendor acabasse também direcionando a sua escrita para os mais jovens. Acerca da sua arte efabulativa, Irene Lucília Andrade já notava a respeito do seu primeiro livro: “uma narrativa brilhantemente conseguida, um jeito de contar tranquilo para «ouvir» à noite em qualquer necessário serão, antes que faleça por falta de estímulo e exemplo a nossa capacidade de criar prodígios”<sup>4</sup>. Por sua vez, António Carvalho da Silva, dando conta da sua leitura de *Contos de Embarcar*, define o estilo da autora do seguinte modo: “uma escrita oralizante com ritmo atraente, (...) criativa ao nível das estratégias narrativas”<sup>5</sup>. Escusado será sublinhar que são estas qualidades que presidem à construção do presente texto de ficção.

Acresce que as sugestivas ilustrações de Sofia Caldeira se oferecem como desenhos de traço infantil, coloridos, expressivos e de fácil interpretação – como não podia deixar de ser –, para suscitar empatia junto do jovem leitor e motivá-lo à leitura. Optando por uma paginação que combina a imagem com o texto, como se este a legendasse, a ilustração serve para revelar cada etapa do desenrolar da ação, marcar uma cadência e tornar, deste modo, a leitura do

1 Mata, Lília (1998). *Histórias do Bertoldinho*, Funchal: Câmara Municipal do Funchal.

2 Mata, Lília (2002). *Contos de Embarcar*, Introd. José Luis Peixoto. Terra à vista, 3. Funchal: Arguim.

3 Moniz, Ana Isabel, Pimental, Diana e Santos, Thierry Proença dos (2005). *e depois? sobre cultura na Madeira*, actas do ciclo de conversas com posfácio dos organizadores. Funchal: Universidade da Madeira.

4 “A Fita Azul” em *Margem 2*, n.º 11, abril 2001: 34.

5 “Contos Madeirenses do destino” em *Islernha*, n.º 34, junho 2004: 98.

texto mais acessível.

O conto “A Nuvem que Queria Chover Onde Era Preciso” que serviu de ponto de partida e de mote a este projeto artístico e multimédia também tem a sua história (editorial). À semelhança da nuvem que se metamorfoseia ao sabor das condições climáticas, o texto de Lília Mata passou, de igual modo, por um processo de transformação. Deu-se a conhecer numa primeira versão intitulada “História de uma Nuvem”, publicada na revista *Margem 2* (erradamente titulada *Margem 4* na capa)<sup>6</sup>. O processo de revisão que esta versão sofreu revela que a autora intervencionou o texto com o seguinte propósito: clareza da exposição e densidade poética. A título de exemplo, confronte-se um excerto da versão anterior com o passo correspondente da versão atual:

“Ainda não tinha dito como se chamava, pois não? Pois chamava-se Clara. Bonito nome para uma nuvem que afinal não era bem igual a todas as outras, que afinal tinha algumas diferenças. Clara era a única que desejava chover noutro sítio só porque lá era mais preciso que chovesse.” (Mata, 2007: 43)

“Clara – era assim que se chamava esta nuvem – tinha a estranha mania de querer chover nos sítios onde a chuva fazia mais falta. § Ninguém percebia de onde lhe tinha vindo esse sentimento de justiça num mundo tão injusto, onde até as nuvens só se importavam em serem nuvens e mais nada. Muitas nuvens não se mexiam um milímetro, queriam lá saber do que estava por baixo.” (2011: 8)

Se a linguagem se mantém acessível de uma versão para a outra, o certo é que em muitos passos a reformulação visou quer o apuro da frase, quer a redução do discurso narrativo ao essencial.

A partir da atual versão, fez-se uma adaptação para teatro infantil, operação que, por si só, ao conferir-lhe tal expansão, comprova a força do modelo narrativo. A que se acrescentou três músicas (a canção de abertura, uma opereta e a canção final) que entram facilmente no ouvido e cujas letras definem a personalidade da nuvem que protagoniza a fábula e destacam, no fecho, «a lição» da mesma. Estes prolongamentos ou extensões funcionam como um hipertexto, ou seja, uma reformulação da história

cuja mediatização se quer reatualizada, para que a adaptação se aproxime do público visado.

Quanto ao trabalho de reescrita para a adaptação teatralizada, sabe-se que este consiste em simplificar, concentrando-o, o esquema narrativo, em destacar os protagonistas e acontecimentos principais do enredo, bem como em transformar a narração em diálogo. Assim, tudo é revelado ao público através da fala das personagens que interagem nos diálogos, sendo estes o «motor» da ação em tempo real. Dramatiza-se uma dialética entre as personagens e o mundo do qual fazem parte, de modo a configurar um processo de aprendizagem com a seguinte lição: “eu agora entendi que o mundo pode ser diferente / basta uma única semente brotar da terra / nascer e transformar-se / (...) / Eu agora entendi que posso mudar alguma coisa / e que vale a pena continuar a acreditar”. Em todo o caso, encenar este texto é um divertimento que pode ser ensaiado em casa dos leitores ou em contexto de sala de aula, tal como exemplifica o vídeo animado, produzido com poucos recursos mas com engenho, ao dar vida a bonecos suspensos com fios, em pano de fundo pintado à mão.

A iniciativa editorial em apreço foi especialmente levada a cabo para assinalar o vigésimo quinto aniversário de uma instituição com forte identidade cultural que se tem afirmado na área do Ensino Artístico. Com efeito, o vasto leque de atividades que tem vindo a desenvolver é reveladora de uma assinalável capacidade técnica e artística, bem como de uma favorável abertura intelectual e processual que a torna apta a dialogar com o resto do mundo.

Ciente da importância do livro como meio para promover a valorização social e cultural do jovem, a Associação de Amigos do Gabinete Coordenador do Ensino Artístico tornou possível uma publicação constituída como um recurso prático e valioso para todos aqueles que trabalham com crianças. Desta forma, *A Nuvem que Queria Chover Onde Era Preciso* apresenta-se como um artefacto que permitirá ampliar a percepção que a criança deve ter dos processos criativos e das linguagens artísticas.

*Thierry Proença dos Santos*  
Universidade da Madeira / Centro de Tradições  
Populares Portuguesas – C.L.E.P.U.L.

<sup>6</sup> Mata, Lília (2007). “História de uma Nuvem” em *Margem 4*, Maria Aurora Homem (ed.). Funchal: Câmara Municipal do Funchal – Departamento da Cultura, 43-47.



## Rodrigues, Maria do Carmo (2012). *1+1=2 Gatos*. Funchal: Editora O Liberal.

Maria do Carmo Rodrigues deu início à sua carreira de autora de textos destinados aos mais novos na década de quarenta. Desde então, colabora na imprensa regional e nacional, publica livros e participa, na qualidade de autora, em produções de teatro infantojuvenil<sup>1</sup>. Na viragem dos anos sessenta para os anos setenta, dirigiu o periódico *A Canoia* (1969-1971) a partir da ilha da Madeira, apoiando-se na colaboração de escritores confirmados, tais como Matilde Rosa Araújo, Alice Gomes, Madalena Gomes, Maria Rosa Colaço e Ricardo Alberty, ou em novas vozes que viriam a marcar a cultura madeirense, nomeadamente Luíza Helena Clode e Irene Lucília Andrade.

Hoje é detentora de uma vasta obra no campo da literatura infantojuvenil, quer na prosa, quer no teatro, quer na poesia. Entre a publicação do seu primeiro livro, *Dona Trabucha, a Costureira Bucha*<sup>2</sup>, editado pela Portugália em 1964, e o lançamento de *1+1=2 Gatos*, com a chancela da Editora O Liberal, em 2012, decorreu quase meio século de vida literária ao serviço da escrita para – preferencialmente – os mais jovens, marcada por um jeito próprio de «contar histórias», com engenho e fino humor.

No artigo intitulado “O elogio do livro e da leitura”<sup>3</sup>, Cândido Oliveira Martins assevera que ler é essencial para o exercício da inteligência do ser humano. Neste sentido, o livro de receção infantil deve favorecer a prática e o gosto pela leitura, bem como desenvolver competências intelectuais do leitor. Como observa Fernando de Azevedo, no artigo “Educar para a literacia”<sup>4</sup>, a leitura amplia competências cognitivas, linguísticas, interpretativas, imprescindíveis para o desenvolvimento da criança e do adolescente, abrangendo

também outra dimensão não menos importante: a do valor emocional, social, estético e cultural que o livro dirigido aos mais novos deve materializar. Ora, no último projeto editorial, Maria do Carmo Rodrigues não descarta a fantasia e o devaneio. Todavia, no seu discurso narrativo, a voz do texto também fomenta as competências linguísticas, afetivas, sociais e literárias do jovem leitor.

Em *1+1=2 Gatos*, a autora descreve, ao longo dos dezoito episódios que estruturam o livro, as brincadeiras de uma menina de seis anos, o comportamento dos seus dois gatos, Tom e Riscas, e toda a envolvência familiar amável em que os protagonistas evoluem. O universo referencial, onde é facilmente reconhecível a ilha da Madeira – por via da proximidade do mar, da forte presença das buganvílias, das levadas e da típica quinta madeirense –, decorre não somente do discurso verbal mas também das fotografias que acompanham o texto narrativo.

Registos do quotidiano de uma família instalada numa quinta dos Canhas, as imagens vão descortinar o quarto e os brinquedos de Maria do Carmo Santos Gomes, a menina que, na vida real, vive na casa da escritora. Como lhe inspirou a personagem principal da narrativa, a autora dedicar-lhe-á, naturalmente, o presente livro. As fotografias mostram também vários flagrantes dos dois gatos, Tom e Riscas, ora à janela, ora teclando no computador pessoal da escritora, ora “empoleirados” numa árvore, etc. As impressões visuais apresentam, de algum modo, o ponto de vista da menina, para que o leitor visualize os seres e os objetos como ela os viu e os vê. Através da narração e da imagem, dão-se assim a ver os cenários em que a jovem protagonista evolui no seu dia-a-dia.

Essa visão da infância, que a voz do texto partilha com o leitor, configura-se como proposta de um duplo exercício do olhar da autora: por um lado, parece instaurar a demanda da sua infância perdida, por outro, estabelece um paralelismo entre a vida da menina que acompanha atualmente e a sabedoria das suas oitenta e oito primaveras. Dessa geometria afetiva (entre a inocência da criança e a experiência

1 Nas páginas finais do livro em apreço, o leitor poderá inteirar-se do roteiro biobibliográfico da autora, com reprodução das capas dos seus livros, com menção das iniciativas editoriais ou teatrais em que participou, com citação de apreciações literárias assinadas, nomeadamente, por Matilde Rosa Araújo, Alice Vieira, Helena Marques ou Octaviano Correia.

2 Rodrigues, Maria do Carmo (1964). *Dona Trabucha, a Costureira Bucha*. Lisboa: Portugália Editora. (Ilustrações de Eugénia Noronha).

3 Martins, Cândido Oliveira. “O elogio do livro e da leitura”. Disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/candid14.pdf> (consultado a 1 de maio de 2012).

4 Azevedo, Fernando de (2007). “Educar para a literacia” em *Formar Leitores. Das teorias às Práticas*. Lisboa-Porto: LIDEL.

de vida da escritora) que a morada partilhada desencadeia vão desprender-se efeitos poéticos muito consistentes.

Quer na dedicatória, quer no *incipit*, a voz do texto dirige-se, de imediato, a todos os meninos e meninas que queiram ler ou ouvir o que este livro tem para contar. Numa narrativa alicerçada na interação com o leitor/ouvinte, o diálogo é constantemente alimentado através das muitas perguntas que pontuam o texto, pela fórmula hiper-codificada de abertura, bem como pela locução tipograficamente destacada no *excipit* da narrativa.

Porém, a escritora vai agora mais longe nesse jogo com o destinatário, uma vez que reserva espaços em branco a serem por ele completados. É esta particularidade do texto que convém frisar, pois torna-o singular, uma vez que é lançado o desafio ao jovem leitor de colaborar na construção da história, podendo inscrever-se no livro, individualizá-lo e concorrer, desta forma, com a invenção da voz autoral. Por exemplo, poderá atribuir um nome alternativo aos gatos, outro apelido à família central da história, desenhar o retrato dessa família ou de uma outra por ele idealizada. Além do mais, Maria do Carmo Rodrigues propõe ainda um jogo com base nas mudanças que o novo acordo ortográfico convencionou, ao sugerir que avós e netos se juntem para listar palavras que sofreram alterações. Numa paginação em dupla mancha gráfica, uma indicará a grafia antiga, a outra, a grafia atual.

Neste sentido, sem comprometer o poder da imaginação e da palavra narrada que o objeto-livro congrega, a escritora associa habilmente à função lúdica uma vertente didática. Note-se que esta estratégia discursiva tinha sido já testada num livro seu, *Tiago Estrela*<sup>5</sup>, em que um grupo de jovens pertencentes à geração do *Dragon Ball* era desafiado a confrontar-se com exercícios e conceitos operatórios em torno da Língua Portuguesa e da Matemática.

Relativamente às mensagens do livro, a voz do texto apela a um código de ética e de conduta que assenta nos valores da responsabilidade, da partilha e da harmonia. Com efeito, a escrita de Maria do Carmo Rodrigues incentiva a criança a partilhar afetos – designadamente com os amigos, os pais e a Tita, provável *alter-ego* da autora; sugere-lhe que cresça sabendo vencer, perder e, sobretudo, recomeçar; exalta – como já o fizera no seu outro livro, *Aventuras de Chico Aventura*<sup>6</sup> – o respeito pela natureza, nomeadamente através da observação das lagartixas e do ninho de melros

no jardim da quinta –; apela à proteção dos animais, através do cuidado que dispensa não só aos gatos da casa, Riscas e Tom, mas também a um gato vadio que ronda a moradia; mesmo em contexto de brincadeira, condena as disforias, reagindo resolutamente ao tema de redação “A caça aos melros”, substituindo por “Boas-vindas aos melros”. Não será, por isso, de estranhar que muitas sentenças perpassem o texto, sobretudo no seu final: “Amizade rima com liberdade” (p. 32), “– Nunca se desiste. / – Quando se perde, recomeça-se para ganhar.../ – Ou então aceita-se perder” (p. 58), “Nem sempre vence o mais forte. Vence aquele que tem mais coração para amar” (p. 59).

Depreende-se, assim, que o livro visa preparar o jovem leitor para a vida, refletindo um conjunto de preocupações com a sua formação intelectual, moral e cívica. Ao certo, a voz do texto institui os vetores da liberdade, da fraternidade, da compreensão do Outro, do respeito pela Natureza e da imprescindível presença familiar no processo de crescimento saudável da Criança.

Se a intencionalidade do texto reside na transmissão dos princípios acima enunciados, o espírito de divertimento preside na conceção do discurso e do mundo textualizados. A protagonista, cujas identidades são criadas ao sabor das circunstâncias – “Filha”, “Querida”, “Meu Amor”, “Princesa”, mas também “Menina Desobediente” e “Tenha Juízo” – tem as suas *barbies* e os seus dinossauros, vê televisão no quarto em horários definidos, gosta do Canal Panda, como qualquer menina de seis anos. Contudo, consegue entreter-se com outros meios, sonhar e dar azo à sua imaginação, não só no aconchego do seu quarto, como também no seu Castelo Verde, uma tenda de campismo montada no jardim, realçando assim o que o texto quer transmitir: “– A nossa imaginação faz magias” (p. 87).

O apelo à fantasia e o convite ao sonho prevalecem neste livro de Maria do Carmo Rodrigues, recuperando, de certa forma, a força onírica de um outro livro seu, *Sebastião, o Índio*<sup>7</sup>. Veja-se, neste sentido, o episódio da condecoração dos gatos, bem como o da promoção de Riscas a secretário de Tita, que o próprio livro formaliza através da dedicatória: “ao Conde das Hortênsias, o senhor Dom Tom, e ao Conde da Buganvília, o senhor Dom Riscas”. Tom e Riscas ganham assim estatuto de protagonistas numa encenação que reúne miúdos e graúdos, a lembrar que a solidariedade intergeracional entre adultos e crianças cria uma cumplicidade saudável que deve ser prosseguida.

5 Rodrigues, Maria do Carmo (2002). *Tiago Estrela*. Lisboa/São Paulo: Difusão Verbo. (Ilustrações de Paula Marques) [Col. “Ler é crescer: histórias e lugares”].

6 Rodrigues, Maria do Carmo (2005). *Aventuras de Chico Aventura*. Lisboa: Vega. (Ilustrações de Frederico Penteadó).

7 Rodrigues, Maria do Carmo (1982). *Sebastião, o Índio: novela infantil*. Funchal: Ilhatur. (Ilustrações de Dina Pimenta) [Col. “Canoa”, nº 5].

A escrita de Maria do Carmo Rodrigues tem ainda o mérito de revelar ao jovem leitor o mundo dos adultos, procurando mostrar o lado positivo e o negativo dessas vivências. Ridiculariza a ostentação que alguns adultos fazem do seu título honorífico e da sua posição social, critica aqueles que não sabem divertir-se saudavelmente e desaprova a falta de seriedade que outros manifestam, desculpando-se com o frenesi da imprensa e do imediatismo inerente à sociedade atual. Em contraponto, os protagonistas adultos que entram nesta história conseguem manter o equilíbrio: têm uma carreira profissional exigente, mas não abdicam do seu papel de educador, não deixam de ser companheiros de jogos dos filhos. Neste livro, voltamos a encontrar não só o modelo de pais responsáveis e dialogantes que perpassam toda a obra de ficção da autora, nomeadamente em *Leovigildo. Páginas de um Diário*<sup>8</sup> e em *O Vencedor*<sup>9</sup>, como a figura do adulto

8 Rodrigues, Maria do Carmo (1974). *Chamo-me Leovigildo. Páginas de um Diário*. Lisboa: Ática. (Ilustrações de Constança Lucas); 2ª ed. Edições Vela Branca 1990.

9 Rodrigues, Maria do Carmo (1973). *O Vencedor*. Lisboa: Ática. (Ilustrações de Joaquim Fernando) [Col. "Livros para a juventude"]; 2ª ed. Edições Vela Branca 1990.

divertido, cuja imaginação fértil e reinada fora acalentada em *Dona Trabucha, a Costureira Bucha*.

Em suma, *1+1=2 Gatos* rege-se pela vertente pedagógica, mas, sobretudo, pela dimensão onírica, pela natureza literária e pelo apelo ao lúdico. Perfeitamente adequado à faixa etária a que se destina, este livro constitui, de facto, um incentivo à sensibilidade, à imaginação e à inteligência do jovem leitor. Dominando a arte de contar e de encantar, Maria do Carmo Rodrigues vem, uma vez mais, (com)provar que um livro de receção infantil pode conjugar a fantasia e a aprendizagem, o jogo (verbal) e a consciência crítica.

*Leonor Martins Coelho*

Universidade da Madeira (UMa) e Centro de Estudos Comparatistas (FLUL)



Gonçalves, Carlos (2012). *Cultura e Clima Organizacional: Liderança e motivação para o sucesso*. Mangualde: Edições Pedagogo.

O livro *Cultura e Clima Organizacional: Contributos da Motivação e das competências de Gestão de Líderes*, lançado pelo Professor Doutor Carlos Gonçalves, reflete um estudo de caso realizado sobre o *Gabinete Coordenador de Educação Artística (GCEA)*, atualmente designado como *Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia*, integrado na Secretaria Regional da Educação e Recursos Humanos, da Direção Regional da Educação. Numa versão simplificada e resumida, as Edições Pedagogo apresentam a tese de doutoramento defendida pelo autor na Universidade de Cádiz.

Através deste estudo Carlos Gonçalves pretende determinar se uma boa cultura e clima organizacional promovem a motivação e apresenta os resultados de um questionário realizado junto dos colaboradores do GCEA. Uma análise fundamentada com a apresentação de diversos autores – Gerard Hofstede, Andrew Pettigrew, Linda Smircich, Edgar Schein, Maria de Lurdes Rodrigues, Maria Tereza Fleury e Rosa Maria Fischer, José Calisto Pires e Kátia Barbosa Macêdo, Abraham Maslow e Frederick Herzber,

entre outros –, com estudos desenvolvidos na área da sociologia e, com especial enfoque, na liderança e motivação, surge colocada em paralelo com o estudo de caso do GCEA.

## A singularidade do GCEA na comunidade educativa

As características únicas do GCEA justificam a necessidade de registar o que todos os colaboradores percecionam sobre as lideranças. A nível nacional, é uma organização singular no trabalho desenvolvido em prol da educação artística, desde 1980, sendo a única Direção de Serviços na Administração Pública com a missão de promover as Artes no currículo escolar de crianças e jovens.

Os projetos desenvolvidos pelo GCEA na comunidade educativa regional envolvem as áreas da Música, da Dança, do Teatro e das Artes Plásticas, de modo a garantir que

todas as crianças e jovens das escolas da região usufruem de uma educação pelas Artes, com a experiência em diversas modalidades. Ao longo do estudo de caso o autor revela o interior do *GCEA*, as estratégias e o alinhamento, apresentando o modo como os colaboradores têm uma visão, valores e crenças partilhados, manifestados através de rituais, símbolos e histórias.

O livro apresenta a relação da liderança com o clima organizacional e o sucesso das instituições, num excelente balanço entre teoria e prática, advinda da experiência de mais de três décadas do autor como líder.

A importância das competências-chave das lideranças, conseguidas através de uma liderança partilhada, surge como uma estratégia ideal para manter elevada a motivação dos colaboradores e potenciar uma aprendizagem constante, centrada no espírito crítico e no debate de ideias.

Carlos Gonçalves refere em *Cultura e Clima Organizacional: Contributos da Motivação e das competências de Gestão de Líderes* que, deste modo, promovem-se uma cultura e um clima laboral positivos, onde a inovação, a qualidade e a criatividade constituem pilares fundamentais.

## Da liderança ao sucesso: motivar para a criatividade, inovação e qualidade

A existência de uma cultura organizacional onde as ideias de cada colaborador são valorizadas para a inovação e qualidade de serviços, no sentido de manter níveis de excelência, conduz a que a maioria dos líderes, nos vários níveis da hierarquia, esteja inteiramente envolvida nas melhorias contínuas. A inovação e a mudança surgem como meios para motivar os seus colaboradores e alcançar resultados absolutamente relevantes.

Carlos Gonçalves também refere que a cultura organizacional apenas é uma realidade quando os líderes têm competências de gestão e são capazes de criar condições para um bom clima laboral. Saber liderar surge como um factor fundamental para a motivação dos colaboradores e para o sucesso. Por sua vez, sendo mais empenhados e eficientes, os colaboradores motivam os líderes. O que se traduz um ciclo de trabalho em união, com objetivos comuns.

Na conclusão desta obra Carlos Gonçalves salienta que a motivação é influenciada positivamente pelo apoio,

pela inovação, pelos objetivos e pelas regras. Finalmente, o autor conclui que as competências-chave de Gestão nas Lideranças, avaliadas no estudo de caso do *GCEA*, contribuem diretamente para a motivação dos colaboradores e para melhorar a cultura/clima organizacional, explicando assim o sucesso desta organização na comunidade educativa.

*Ana Ventura*